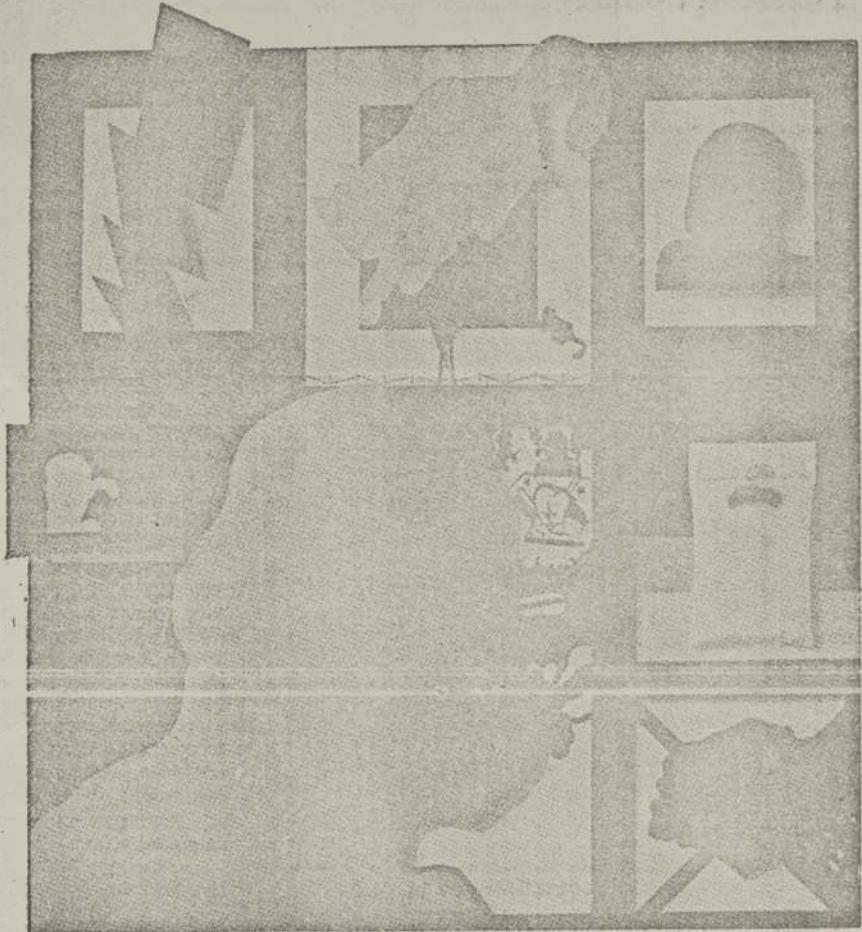


Artes Plásticas



ANTONIO DIAS / Programação para um Assassínio / montagem / 1965
Com este trabalho, Dias foi um dos premiados na Bienal de Paris de 1965

PARIS: BIENAL DEFINIDA

Roberto Pontual

NAO quer dizer que por ser no estrangeiro, em países de cultura e arte heterogênicas, os enganos de método, os desacertos de organização e, daí, as correrias de última hora deixem por inteiro de ocorrer. Recordo bem, quando presenciei a inauguração da IX Bienal de Paris, em 1975, as reclamações de muitos artistas, inclusive dos três representantes brasileiros, a respeito da falta de condições para apresentar adequadamente os seus trabalhos. No entanto (pense-se, por exemplo, nas nossas bienais de São Paulo), há uma diferença importante, no modo de proceder organizativo, entre eles e nós: preocupam-se ao menos em cuidar das coisas com o máximo de antecedência, e se os desencontros advêm no instante final é porque são inevitáveis, integram as regras do jogo das gigantescas mostras internacionais de hoje. Esse cuidado de antecedência está sendo bem demonstrado na organização da pró-



NAM JUNE PAIK / TV Garden / 1975
Uma das manifestações fundamentais da video-escultura

xima Bienal de Paris, a inaugurar-se a 15 de setembro vindouro.

Em maio do ano passado, eu já recebia aqui um primeiro comunicado de imprensa dando conta das linhas gerais de definição da X Bienal parisiense, firmada por uma comissão de 11 membros. Sob a presidência do francês Georges Boudaille, fazem parte da comissão especialistas oriundos de diversos países: Toshiaki Minemura (crítico de arte de Tóquio), Ole Henrik Moen (diretor da Fundação Sonja Henie — Niels Onstad, de Oslo), Ad Petersen (conservador do Museu Stedelijk, de Amsterdã), Tommaso Trini (crítico de arte, diretor da revista *Data*, de Milão) — que haviam atuado na organização da IX Bienal — e ainda Michael Compton (curador de exposições e de educação da Tate Gallery, de Londres), Jerko Deneigr (conservador do Museu de Arte Contemporânea de Belgrado), Nina Feishin (coordenadora de programas da Agência de Belas-Artes, de Washington), Johannes Gashnang (diretor de Arte de Berna), Catherine Millet (crítica de arte, diretora da revista *Art Press*, de Paris) e Armin Zwölfer (conservador da Städtische Galerie im Lenbachhaus, de Munique).

Logo a seguir (2 de junho), publiquei nesta coluna um artigo sobre as opções assumidas pela comissão coordenadora da X Bienal de Paris. Preocupei-me, então, em ressaltar um de seus pontos de maior interesse direto para nós: a intenção explícita de voltar os olhos, agora, até a América Latina, de maneira a corrigir ou atenuar o desequilíbrio que o predomínio absoluto de europeus e norte-americanos vinha estabelecendo a cada nova edição do evento. Para ter uma idéia desse desequilíbrio, basta lembrar que dos 123 artistas componentes da Bienal de 1975 apenas quatro eram latino-americanos, dois dos quais vivendo há algum tempo na Europa. Mas, apesar da intenção afirmada naquele comunicado, parecia-me estranho que nenhum crítico ou especialista em arte da América Latina tivesse sido convocado para constituir a referida comissão. De que modo se faria, assim, o conhecimento adequado da cena artística latino-americana, afim de refleti-la com razoável acerto numa mostra que se dedica, por definição, à arte jovem, produzida por artistas até 35 anos de idade?

Um segundo comunicado, expedido ao final de dezembro, responde em parte a questão. Ali se informa que a Angel Kalenberg, diretor do Museu de Arte de Montevideu, a comissão internacional da X Bienal de Paris entregou carta branca para arregimentar, até setembro desse ano, uma vasta e significativa apresentação da arte atual na América Latina. Já se trata, sem dúvida alguma, de um passo à frente na situação indefinida de antes. Resta esperar que Kalenberg — um especialista respeitado no seu setor, embora de pouca circulação pública, sobretudo junto ao meio artístico brasileiro — consiga desenvolver a missão que lhe foi passada equilibrando toda a selva de pessoas, oficiais ou não, que se pode desde agora prever à sua volta. E se espera também que os artistas porventura convocados salbam to-

mar a sério a responsabilidade de representar-se condignamente na mostra, sem o provincialismo e a preguiça que às vezes ainda se vê tomando conta deles nessas ocasiões.

Mas o comunicado recente sobre a próxima Bienal de Paris fornece outras informações de interesse. Chega mesmo a relacionar os 102 jovens artistas de todo o mundo (excluídos os da América Latina, à espera da indicação de Kalenberg) que a comissão escolheu para compor a mostra, após a análise de quase 500 dossiês preparados por uma centena de seus correspondentes na França e no exterior. O comunicado diz que, "como no caso das Bienais precedentes, a comissão trabalhou sem a priori estéticos ou de escolas". No entanto, algumas linhas impuseram-se naturalmente na seleção atual: "Um retorno aos valores mais específicos, mais individuais (em reação contra o 'estilo internacional' que a sucessão das grandes manifestações internacionais termina impondo); por exemplo, uma arte texana de forte impacto aos olhos europeus ou certos jovens pintores suíços lidando com uma figuração muito intimista. Várias das pesquisas selecionadas desenvolvem também, fora de quaisquer categorias convencionais, um objetivo radicalmente político. De qualquer forma, porém, a investigação rigorosa e de caráter teórico nos campos da arte conceitual e da abstração, em pintura e em escultura, continuam a afirmar-se".

Comprovando que a Bienal de Paris é dedicada a jovens artistas emergentes, a absoluta maioria dos 102 nomes agora escolhidos é desconhecida do circuito menos especializado. Em quantidade, vêm primeiro os norte-americanos (22); depois, o predomínio se concentra nos representantes da França, Itália, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental; e, por fim, há a presença mais ou menos esparsa de convidados da Suíça, Suécia, Holanda, Espanha, Polônia, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Dinamarca, Áustria, Canadá, Japão, Israel, Turquia, etc. Na verdade, a próxima Bienal não se constituirá exclusivamente da apresentação desses 102 artistas e dos latino-americanos a cargo de Kalenberg; ela se complementará com uma seção especial dedicada à video-arte, realçando pela primeira vez a video-cultura e o video-filme (*performances* documentadas, reportagens militantes, etc.) e a completando com uma retrospectiva dos grandes momentos da expressão neste setor. Outra retrospectiva a ser vista no conjunto da X Bienal de Paris é a que se refere aos seus próprios 20 anos de existência, reunindo trabalhos de alguns prestigiosos artistas que dela participaram, muitas vezes obras através das quais eles se tornaram definitivamente conhecidos do público. Aproximando-se do esquema recente da Bienal de Veneza, a de Paris abrigará igualmente *performances*, espetáculos e concertos, de modo a firmar-se menos como uma exposição no sentido tradicional e mais como "um local ativo de confrontação das múltiplas expressões plásticas contemporâneas".